

Uerj exhibe ancestral do homem fluminense

21/10/86
A exposição mostra como vivia o carioca de cerca de 4 mil anos atrás

O carioca de cerca de 4 mil anos atrás vivia próximo a praias e rios, comia de tudo (mamíferos, aves, peixes, sapos e até cobras), embora alguns preferissem escaragot (coronódo, na língua indígena), tinha cárie, escoliose, reumatismo, gostava de enfeites e era um artista: pintava, cestaria e tecelagem, mas morria normalmente aos 35 anos. Para saber de tudo isso, o carioca atual deve visitar a exposição Arqueologia e Arte Pré-História na Região Sudeste, na sala de exposições do Instituto de Ciências Humanas da Uerj, até dia 23.

A exposição faz parte das comemorações dos 25 anos do Instituto de Arqueologia do Brasil e sua principal atração é a múmia de uma criança aproximadamente nove anos que data de 3.500 anos atrás. No Brasil não existiu a mumificação artificial como no Egito, e o corpo da criança se conservou porque estava enterrada numa caverna onde o clima é muito seco. É a mais antiga múmia brasileira.

Encontrar o local da exposição é a única dificuldade do carioca que quer saber como viviam seus ancestrais. A sala fica no 9º andar do prédio da UERJ, mas não há setas nem indicações visíveis apontando para a exposição. Um painel colocado no corredor do 9º andar é a única pista segura para se chegar à sala de exposições. Uma vez lá dentro, o visitante não se perde mais.

A exposição começa mostrando o homem da Lagoa Santa, o mais antigo, com cerca de 12 mil anos, que vivia na Idade da Pedra Lascada, sem saber tecer redes ou fazer cestos e cerâmicas. Lagoa Santa fica em Minas e, próximo dali estão Unaf e Varzelândia, onde arqueólogos do IAB descobriram sítios pré-históricos ricos em materiais que ainda estão sendo analisados.

A criança mumificada naturalmente foi encontrada numa caverna em Santa Maria Madalena, no Norte do Estado do Rio. Quem descobriu os primeiros vestígios da múmia foi a arqueóloga Lília Cheuiche Machado, que recolheu um tecido trançado e enrolado com fiapos de cabelo saindo por uma das extremidades.

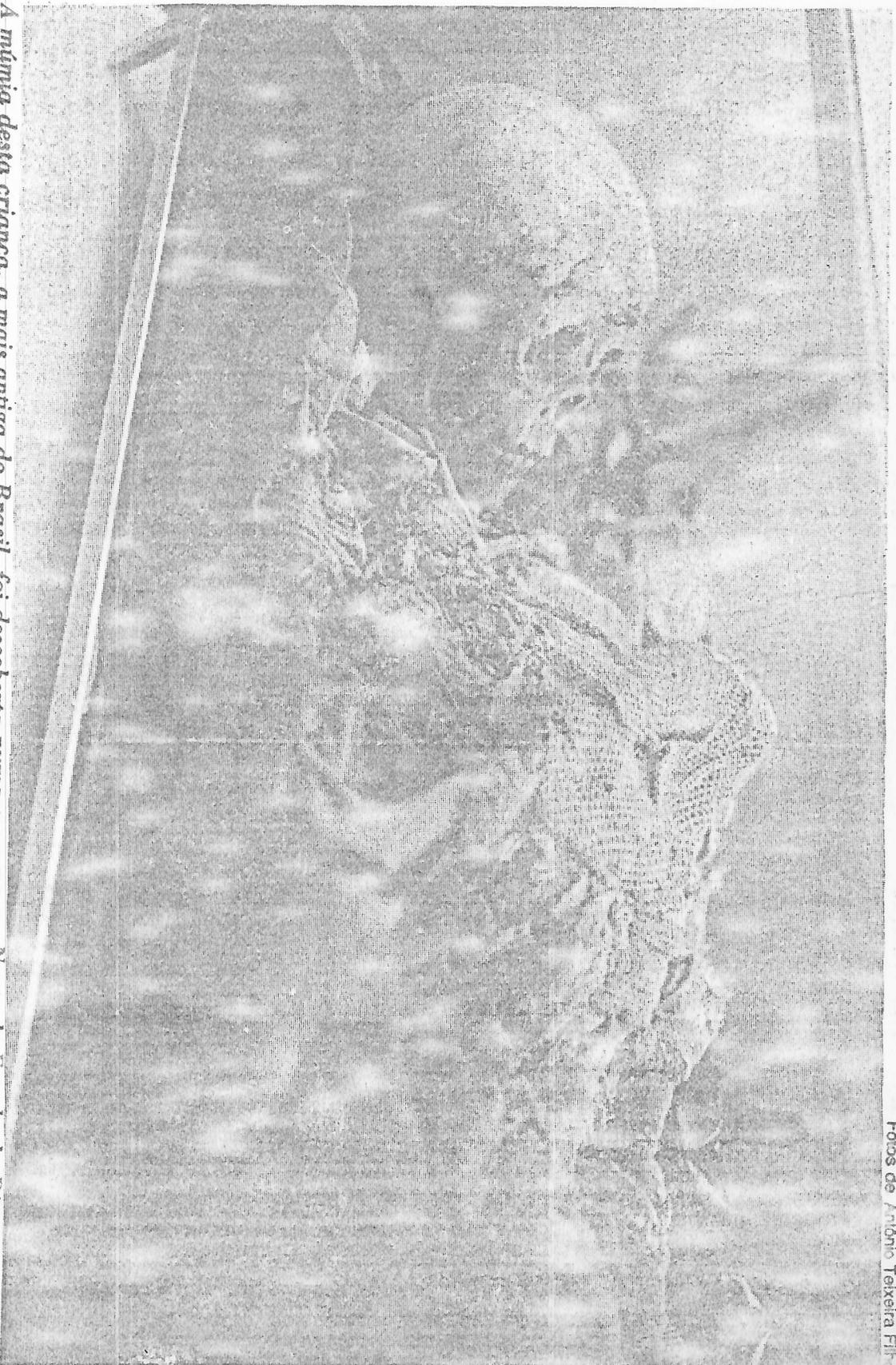
— Estávamos na Gruta do Genito e, quando percebi o cabelo, comecei a cavar com cuidado, pois sabia que por debaixo havia coisa interessante — contou Lília.

A múmia da criança foi encontrada enterrada em posição fetal, com o corpo completamente enrolado por um tecido em rede e enfeitado por cordas finas em trança e muitos colares. "Acreditamos que seja menina, pois estava muito enfeitada, mas é difícil, nessa idade, descobrir o sexo analisando os ossos", acrescentou a arqueóloga.

involve a múmia da criança é a mais antiga vestimenta encontrada em escavações no Brasil. Na caverna de Santa Maria Madalena foram encontrados também espigas de milho e até fezes na dos Genitos era utilizada como moradia e, na análise laboratorial que os cientistas da Fundação Oswaldo Cruz fizeram das fezes encontradas na caverna e nos intestinos da criança mumificada, descobriu-se o parasita que causa o amarelão, doença que os cientistas supunham só ter surgido no Brasil depois da colonização pelos portugueses.

— É a primeira vez que esta múmia aparece exposta. Ela foi descoberta em 1977 e ficaram estes anos todos estudando seus ossos e dentínicos de que a criança morreu porque não queremos desmanchar o fardo funerário — disse Lília Cheuiche Machado.

Outra arqueóloga, Eliana Teixeira de Carvalho, que coordena a exposição,



A múmia desta criança, a mais antiga do Brasil, foi descoberta numa caverna no Norte do Estado do Rio

mostrou também os restos de uma criança de aproximadamente um ano, enterrada no flóral fluminense com vários enfeites: cerada de conchas pequenas e corada com um colar de dentes humanos. Os ossos dessa criança datam de cerca de 4.500 anos atrás, mas, ao contrário do corpo mumificado da caverna dos Genitos, não havia nem vestígios de cabelo, só parte do esqueleto.

Eliana apontou as fotos de um sítio arqueológico descoberto próximo a Cabo Frio onde os buracos das estacas que sustentavam a cabana do antigo homem

mostrou também os restos de uma criança de aproximadamente um ano, enterrada no flóral fluminense com vários enfeites: cerada de conchas pequenas e corada com um colar de dentes humanos. Os ossos dessa criança datam de cerca de 4.500 anos atrás, mas, ao contrário do corpo mumificado da caverna dos Genitos, não havia nem vestígios de cabelo, só parte do esqueleto.

ra. A cabana era grande e por ali vivia um grupo de homem que evoluiu da fase de pescador e caçador para a de consumidor de raízes e grãos (posteriormente, o homem fluminense dessa região atingiu a fase da agricultura). Do lado de fora da casa ficava a li, local onde eles jogavam a concha dos escaragote (coronódo) que comiam. Os indícios da evolução para o consumo de raízes e grãos foram descobertos pelas arqueólogas nas cáries dos dentes desses homens.

— O homem primitivo do Rio de Janeiro, no entanto, não estava livre de

tempos modernos — disse Lília Cheuiche Machado, especialista em estudo dos ossos. — Ele sofria de escoliose, bico-de-papagaio, reumatismo, artrite, e só não encontramos indícios de câncer talvez porque a morte atingia aos 35 anos, mas até cárie eles tinham por consumir raízes ricas em carboidratos.

A exposição é dividida em origens, gestos (como o homem tralhava, como pintava), sobrevivência (os tipos de moradia como caverna e cabanas), ciclo de vida (nascimento, crescimento, doenças e morte) e a arte de viver (os adornos e a

de segunda à sexta-feira, das 14 às 22h, e no sábado, de 14h às 18h. As 19h são exibidos vídeos sobre arqueologia e ecologia.

Amanhã, os conservacionistas não podem perder a sessão de A década da destruição-I, vídeo feito em coprodução do Instituto Goiano de Pré-História com um diretor inglês e que tem sido muito elogiado nos Estados Unidos, Canadá e Europa, mas que nunca havia sido projetado no Brasil. A sessão é grátis e, nos dias 7 e 8, serão exibidos os outros dois vídeos da série. A entrada é gratuita.